

UM RIO NÃO EXISTE

REABASTECER IMAGINÁRIOS

Sabrina Fontenele e Vânia Leal
Curadoras

Um rio é mais que o simples correr de águas invadindo terras, é uma veia que pulsa e que traça caminhos sem fronteiras pelo mundo. Esses fluxos de água desempenham um papel fundamental no ecossistema global, garantindo a sobrevivência da fauna e da flora, além de assegurar o sustento de comunidades inteiras. Seus espíritos estão presentes na cultura e na identidade de povos que habitam suas margens, garantindo a persistência de práticas e saberes tradicionais.

Os maiores rios brasileiros estão passando por secas históricas e têm sofrido com a exploração desenfreada de seus recursos naturais. Os desastres ambientais, cada vez mais frequentes, afetam não apenas as comunidades que vivem próximas às águas, mas também demonstram a crise sociocultural emergente.

Refletir sobre as questões ambientais é uma oportunidade urgente de repensar nossos modos de vida, nossas memórias e a forma como percebemos o mundo. Trata-se de confrontar a complexidade das relações humanas com o que nos cerca, abrindo espaço para novas formas de interação com a diversidade e com o que é essencial para nossa existência.

Com as mudanças climáticas se intensificando rapidamente, o Instituto Tomie Ohtake se posiciona como um espaço de transformação e mobilização, respondendo a essa crise global. Ao integrar questões ambientais em suas exposições, seminários e programas públicos, a instituição colabora ativamente para construir uma narrativa que explora as raízes sociais, políticas e econômicas da justiça climática, criando uma plataforma para o diálogo inclusivo e para a amplificação de diferentes vozes.

Ao conectar diversas disciplinas, a programação do Instituto fomenta diálogos capazes de transformar mentalidades, destacando o papel da cultura como elemento essencial na sensibilização e promoção de mudanças sociais. Esse engajamento impulsiona ações coletivas e individuais, incentivando soluções criativas para os desafios ambientais e ajudando a transformar nossa relação com o planeta.

Em diálogo com a 30ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (COP 30), que acontecerá em Belém (PA), em novembro de 2025, o Instituto Tomie Ohtake lança o projeto *Um rio não existe sozinho*, com exposições e programas públicos entre 2024 e 2026. O projeto reafirma o compromisso da instituição em conectar cultura e meio ambiente, unindo arte, arquitetura, design e saberes tradicionais para mobilizar reflexões críticas sobre como viver em contextos de emergência climática.

Este projeto foi viabilizado pelo Ministério da Cultura e conta com o patrocínio do Itaú e da AkzoNobel, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura, além do apoio institucional do Museu Paraense Emílio Goeldi.

Instituto Tomie Ohtake

O enfrentamento dessa crise vai além da implementação de políticas públicas eficazes e do desenvolvimento de tecnologias avançadas, exigindo, também, o despertar de uma nova consciência para pensar e agir coletivamente.

O projeto *Um rio não existe sozinho* segue o fluxo do rio que se desloca entre Belém e São Paulo, e de volta de São Paulo a Belém, ao envolver contextos que apontam existências e resistências em tempos de emergência climática e promover a consciência de que estamos no mundo e com o mundo. Nessa perspectiva, projetos de arquitetura e de design sustentáveis comungam com os mestres fazedores de cultura, materializando uma arte comprometida com fatores estratégicos para se pensar a natureza em sua inteireza e visibilidade simbólica, com nuances políticas e coletivas que reúnem os Brasis. O projeto propõe, assim, uma aproximação com técnicas, gestos cotidianos e memórias para a criação de uma plataforma de confluência de experiências, perspectivas e iniciativas que possibilitem, a partir da mobilização coletiva, enfrentar cenários de destruição tão incisivos e violentos.

Durante três dias, no mês de agosto de 2024, a primeira etapa do projeto, apresentada como Diálogos São Paulo, promoveu debates com a presença de arquitetos, pesquisadores, artistas, ativistas, educadores e mestres de várias regiões do Brasil:

Pará, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo. Nesse período, foram delineados os contornos de um novo paradigma, em termos de discussão sobre a crise ambiental, que não é mais preocupação exclusiva dos pesquisadores e ativistas ambientais, mas permeia nossa vida coletiva. Esta publicação apresenta os participantes das mesas de debates e o entrelaçamento de suas histórias, como forma de afirmação de suas identidades e de seus territórios. A partir dessas narrativas, convidamos quem nos lê a acompanhar as próximas navegações do projeto.

Um rio não existe sozinho propõe enxergar o meio ambiente como fonte de sabedoria dos povos que a ele se adaptam, coexistindo sem destruí-lo. Também se aproxima de estudos e alternativas que apontam caminhos para mudar o nosso tom de voz e as nossas atitudes, a fim de atender o aqui e o agora das transformações que o colapso climático nos coloca. Ou, como afirmou o escritor indiano Amitav Ghosh, em seu livro *O grande desatino: mudanças climáticas e o impen-sável*, “imaginar outras formas de existência humana é exatamente o desafio que a crise climática nos impõe: pois se há uma coisa que o aquecimento global deixou perfeitamente clara é que pensar o mundo apenas como ele é significa um suicídio coletivo. Precisamos, ao contrário, imaginar o que o mundo pode ser”.

SOZINHO

RESTAURAR A VIDA

Carlos Nobre

A Amazônia é gigante e cheia de vida, com mais de 3 mil espécies de peixes, 16 mil tipos de árvores e uma biodiversidade absurda – 13% de todas as espécies conhecidas de plantas e animais do mundo estão lá. Só em um hectare, existem mais de 300 espécies de árvores, mais do que na Europa inteira. E não se trata somente da flora e da fauna, a Amazônia também abriga uma enorme riqueza cultural: indígenas, quilombolas, ribeirinhos e outras comunidades locais seguem mantendo o equilíbrio da floresta há séculos.

Ao longo de milhões de anos, a floresta foi evoluindo de modo a criar condições para sua própria sobrevivência, ampliando a biodiversidade e tornando mais eficientes os processos de reciclagem de água e de nutrientes, além de configurar-se como um ambiente cuja alta umidade é capaz de bloquear os incêndios. Existem, lá, mais de 300 bilhões de árvores, sendo que uma árvore com 20 metros de altura é capaz de jogar na atmosfera mais de 1 tonelada de água por dia. Esse vapor se transforma em chuva na própria floresta, mas também compõe o fluxo dos rios voadores que chegam a outras regiões do país, como o Cerrado, além de áreas do Sul e Sudeste.

No entanto, o desmatamento, a degradação florestal, as queimadas e a pecuária têm trazido um rastro de destruição, e o risco que a Amazônia corre é mais sério do que parece: estamos cada vez mais próximos de um ponto de não retorno. Isso significa que, se não agirmos rápido, a floresta pode se degradar de um jeito que nunca mais vai voltar ao que era. Em 1975, só 0,5% da Amazônia tinha sido desmatada, e agora, em 2024, nós já perdemos cerca de 18% da floresta – quase 1 milhão de quilômetros quadrados foram desmatados e mais 1 milhão de quilômetros quadrados estão em estágio de degradação. A Amazônia é o segundo bioma que mais queima no Brasil, depois do Cerrado. No passado, os incêndios florestais eram raros e, em sua maioria, decorrentes de descargas elétricas, mas hoje eles são mais frequentes e causados, principalmente, por ação humana. As bordas das áreas de pastagens passam por uma enorme degradação, deixando essas regiões muito mais vulneráveis aos incêndios.

O problema também é o efeito climático. A floresta recicla água e armazena carbono, ajudando a regular o clima. Sem ela, as secas aumentam e o calor fica insuportável, como vimos nas secas recordes de 2023 e 2024 – e em outras grandes secas que têm sido cada vez mais frequentes, como as que ocorreram em 2005, 2010 e 2015-2016. Se continuarmos assim, em algumas décadas a Amazônia pode virar uma “savana” de dossel aberto e altamente degradada.

Diante da proximidade desse ponto de não retorno, é preciso pensar em soluções que possam interromper esse ciclo, baseadas na natureza, com restauração da floresta com espécies nativas e criação de uma nova sociobioeconomia. A visão de uma Amazônia sustentável, com floresta em pé e rios fluindo, é possível a partir da junção da ciência com o conhecimento dos povos indígenas, ribeirinhos e quilombolas. Se forem tomadas ações agora, temos chance de preservar a Amazônia e garantir um futuro sustentável, não só para quem vive ali, mas para todos nós.



Foto Photo: Hugo Chaves

Carlos Nobre é um dos mais renomados climatologistas do país, pesquisador colaborador do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo e copresidente do Painel Científico para a Amazônia.

Jean da Silva é ativista, engenheiro, cartógrafo e produtor cultural que fundou o Gueto Hub, em Belém (PA), e ajudou a criar a COP das Baixadas para debater justiça climática nas periferias.

PENSAR ANCESTRALIDADE

Jean da Silva

Eu cresci no bairro de Jurunas, em Belém (PA), e acompanhei de perto as batalhas e transformações da nossa comunidade. O bairro recebeu uma migração recente, de uma geração anterior à minha, e que precisou lutar por infraestrutura básica, como a pavimentação das ruas. A nossa geração, por sua vez, herdou essas conquistas estruturais, o que nos permitiu focar na questão da cultura, já que na região – assim como em todas as periferias da cidade – não havia museus ou equipamentos culturais que representassem a nossa história.

Foi dessa necessidade que nasceu o Gueto Hub, espaço coletivo que abriga uma biblioteca comunitária, um museu da história local e uma galeria de arte. O espaço ocupa uma antiga casa da vizinhança que, até o fim dos anos 1990, havia sido a sede da associação de moradores, ficando abandonada desde então. Uma das primeiras iniciativas do Gueto Hub foi a criação do Museu D’água, com o objetivo de contar para as gerações

mais jovens a história de um braço de rio que passa em frente à casa. Esse canal, como é hoje, já foi um igarapé, onde nossos avós lavavam roupas e tomavam banho, e, assim como diversos outros igarapés, sofreu um processo de canalização, deixando de ser um bem coletivo local para se tornar recurso de drenagem e esgoto para a cidade inteira.

Essa iniciativa chamou a atenção de instituições da cidade que já trabalhavam com as questões da emergência climática e nos mostraram que, ao falarmos de memória e cultura na periferia, estávamos também discutindo temas como racismo ambiental e justiça climática. Isso nos incentivou a criar a COP das Baixadas, uma coalizão de 16 organizações em Belém que se juntaram para discutir os desafios climáticos nas periferias, uma vez que entendíamos que a COP oficial originalmente não nos representava.

Ao refletir sobre nosso papel em relação ao clima, gosto de lembrar da provocação feita pelo pensador Ailton Krenak, quando

ele diz que nosso mundo precisa deixar de existir para que outros, diferentes do capitalista, possam ser construídos. Hoje, as agendas climáticas mais avançadas são aquelas que geram lucro: ao invés de tentar salvar os rios e as florestas, estamos tentando salvar as empresas, hegemonias e classes sociais mais abastadas. Não é desse tipo de estrutura que eu quero fazer parte.

As soluções para a crise não estão nas ações futurísticas, mas na memória dos povos que sempre tiveram uma relação de confluência com o meio ambiente. Enquanto o capitalismo se apropria das questões climáticas em nome de um “pensar global, agir local”, para nós, das periferias, o que mais importa é *pensar ancestralidade, agir em comunidade*.



Foto Photo: Leticia Prata Grappi

Leticia Prata Grappi é arquiteta, trabalha com projetos e obras de baixo impacto ambiental. Foi cofundadora do mapadaterra.org e criadora do grupo Mulheres na Bioconstrução.

Ester Carro é arquiteta e ativista, presidenta do Instituto Fazendinhando, que atua em favelas na cidade de São Paulo, doutoranda e professora na Universidade Presbiteriana Mackenzie.

ARTICULAR COMUNIDADES

Ester Carro

Quando eu era criança, morava em uma casa muito precária perto de um córrego, no Jardim Colombo, bairro que faz parte da favela de Paraisópolis, em São Paulo (SP). Sempre que chovia, o córrego transbordava, inundando minha casa e as dos vizinhos. Lembro de ter passado muitas tardes brincando de tirar água de dentro de casa, uma realidade que moldou minha percepção sobre o poder do meio ambiente – destrutivo, mas também regenerador.

Hoje, sou arquiteta e trabalho na minha comunidade, buscando fazer da arquitetura uma profissão mais acessível e ligada às questões sociais e ambientais. Gosto de usar a palavra “comunidade” porque me sinto parte desse espaço coletivo, onde as pessoas se apoiam mutuamente. As comunidades são potências, pois abrigam uma pluralidade de pessoas que têm muita resiliência e criatividade para lidar com as dificuldades – que não são poucas.

A história do Fazendinhando, projeto do qual faço parte, começou na “fazendinha”, um terreno que funcionava como

um lixão. No Jardim Colombo, assim como em várias favelas no Brasil, não há espaços públicos, escolas ou áreas de lazer, mas existem lixões, lugares de degradação ambiental, doenças e atividades ilícitas.

No fim de 2017, nós começamos um trabalho de mobilização comunitária, organizando mutirões de limpeza que envolviam crianças e adultos, reutilizando materiais descartados. Hoje, o local se tornou um espaço de lazer onde trabalhamos a educação ambiental na comunidade: desenvolvemos hortas, brinquedos e eventos, sempre em um processo participativo. Nessa missão de resgatar espaços, histórias, memórias e o cuidado, engajamos a comunidade e ouvimos todas as vozes, mostrando que cada pessoa é guardiã dos nossos espaços.

Recentemente, atuamos também na reforma das casas dos habitantes do Jardim Colombo, que se tornaram símbolos de uma nova economia baseada na reutilização de materiais e na capacitação de moradores. Com cerca de 300 intervenções

CONSTRUIR FUTUROS

Leticia Prata Grappi

No assentamento João Amazonas, no município de Ilhéus (BA), estamos criando um centro pedagógico e socioambiental. A comunidade já travou muitas lutas, desde viver sob lonas até ocupar as antigas fazendas de cacau da região. Uma dessas lutas se relaciona ao acesso à educação, uma vez que a escola mais próxima ficava a 10 quilômetros e não há transporte público dentro da comunidade. Foi assim que tudo começou: as pessoas se mobilizaram e fizeram um pedido para que uma professora da rede pública pudesse atuar dentro do assentamento e, com essa conquista, a ideia de criar uma escola ganhou força.

A escola, que hoje é aberta a toda a comunidade, foi erguida com base em sistemas construtivos tradicionais – como adobe e rebocos à base de cal –, além de reuso de elementos de outras obras e materiais locais, como grama de pasto, a mesma terra retirada para a construção da cisterna, esterco das fazendas vizinhas e tintas feitas de terra. A utilização de materiais não industrializados e de técnicas locais é o grande desafio da bioconstrução, pois os materiais vindos da indústria são obtidos com muito mais facilidade. No entanto, conseguimos mobilizar toda a comunidade, vencendo desafios como, por exemplo, a produção de 12 mil tijolos de adobe.

A logística das biotecnologias é sempre um desafio, pois exige um tempo diferente e uma maior articulação, inclusive no sentido de convencer as pessoas de que as técnicas são confiáveis. Apesar dessas técnicas e materiais serem ancestrais no Brasil, muitas de nossas comunidades perderam o contato com eles e, consequentemente, a confiança em sua eficácia. No entanto, uma Avaliação de Ciclos de Vida – parecer sobre o nível de impacto que uma construção provoca – confirmou o que já imaginávamos: o projeto teve uma redução de 68% na emissão dos gases do efeito estufa, desde a obtenção dos materiais até a vida útil da escola funcionando.

Para mim, uma obra é como um rio com diversos braços e afluentes, pois toda participação, por menor que seja, representa uma grande contribuição nesse fluxo coletivo. E tão desafiador quanto articular participações durante a obra é manter as pessoas engajadas com o que foi construído. Hoje, nosso objetivo é sustentar a comunidade criada em torno da escola, preenchendo os espaços com mais atividades, especialmente aquelas voltadas para a educação ambiental. O processo continua, com todos os desafios com os quais um assentamento precisa lidar. Mas seguimos em frente, juntas e juntos, aprendendo a construir futuros.



Foto Photo: Ester Carro

REENCANTAR O CONCRETO

Dyó aka Rastros de Diógenes

Sou fundadora e articuladora do Terreiro Afetivo, uma proposta pedagógica experimental comprometida com a cura da terra, itinerante e de longa duração, baseada em São Gonçalo, Região Metropolitana do Rio de Janeiro (RJ). É uma proposta interdisciplinar que cruza conhecimentos e saberes da terra e reúne vários “chãos” e “mãos”, acreditando que o terreiro é um lugar de transformação.

Ali, trocamos saberes, produzimos vivências coletivizadas, refletimos sobre nosso lugar no mundo e pensamos a arte como um campo de estratégias imaginativas e radicais que estão em confluência com a vida e com o metabolismo da terra. Cultivamos uma memória híbrida – humana, vegetal, mineral, climática –, ou seja, constituída por tudo o que forma uma paisagem. Afinal, em cada comunidade, toda casa tem seu terreiro, e cada planta que nele cresce conta uma história sobre nós.

No Terreiro Afetivo, cultivamos conexões com a terra e com a cidade, mergulhando nas paisagens e nas práticas artísticas que misturam astronomia, geografia e ecologia, sempre sob uma perspectiva decolonial. Pensando nessas relações, o terreiro institui práticas como o herbário contracolonial, que busca resgatar as denominações originárias das nossas espécies botânicas nativas; as pedagogias de canteiro, que investigam as memórias e os saberes contidos em canteiros e plantações; e as bombas de sementes e muvucas. Nas luas minguantes, nos reunimos em caminhadas afetivas, nas quais coletamos o que está nascendo e o que está morrendo, e fazemos a muvuca com as sementes que cada pessoa trouxe, conversando sobre suas histórias e origens – processo que gera nossas sementeiras radicais.

As sementeiras são ações em pequena escala, com potencial de impactar a coletividade, que unem as técnicas da bomba de sementes, das muvucas e da milpa (um método de cultivo consorciado). A maioria das sementes são alimentícias e de árvores nativas do bioma em que o terreiro trabalha – em sua maioria, de Mata Atlântica –, reafirmando a importância de reflorestar e recuperar nosso vínculo com a terra. Após preparar as sementeiras, as deixamos descansar para que as chuvas e os ventos façam seu trabalho, espalhando a terra e acordando as sementes, cada uma a seu tempo. Trata-se, principalmente, de uma tentativa de elaborar conexões com a terra. E, na falta de áreas com terra, reencantamos o concreto.



Foto Photo: Dyó aka Rastros de Diógenes

Rastros de Diógenes é artista visual, educadora ambiental e pesquisadora. É fundadora do Terreiro Afetivo, laboratório de artes e ecologias decoloniais baseado no Rio de Janeiro.

Gabriela Leandro é arquiteta, urbanista e professora na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia. Busca aproximar o campo da história da arquitetura e das cidades com os estudos negros e feministas.

EDIFICAR HERANÇAS

Gabriela Leandro

Eu cresci ouvindo as histórias dos meus avós, um marmorista e outro cavouqueiro – profissionais que moldavam as cidades; um extraindo rochas das pedreiras para a produção de muros de arrimo, paralelepípedos e calçadas; o outro trabalhando diretamente com o mármore. Essas histórias familiares ganharam uma nova dimensão para mim na faculdade de arquitetura, quando passei a refletir sobre a construção das cidades.

A cidade que conheço foi erguida pelas mãos de trabalhadores como meus avós, que atuaram diretamente na construção civil, mas que, muitas vezes, são invisíveis para a memória coletiva. Para mim, tornou-se importante pensar essa construção ordinária da cidade, entendendo como as memórias construtivas dos espaços cotidianos, muitas vezes ausentes das nossas lembranças, também conformam um patrimônio importante, para além dos espaços classificados como monumentos pelas instituições.



Foto Photo: Gabriela Leandro

Motivadas por essa inquietação, eu e minha irmã resolvemos olhar para a ancestralidade presente na materialidade de nossas cidades, o que deu origem ao projeto *O fabuloso inventário da história material da cidade*, apresentado na 13ª Bienal de Arquitetura de São Paulo, em 2022. Nesse processo, revisitei lugares da minha infância, reabri álbuns de família e convidei parentes e amigos para ampliar a conversa. O projeto acabou tomando a forma de uma instalação e uma oficina, abrindo o diálogo sobre a construção das cidades a partir das histórias dessas mãos anonimadas, levantadas no acervo de fotos do meu avô.

Durante as conversas com a comunidade familiar, descobrimos que alguns monumentos da cidade foram erguidos com a ajuda do meu avô, e me surpreendi em saber que a cidade que eu já conhecia – ou achava conhecer – tinha dentro dela esse empenho de trabalhadores que desapareceram das bibliografias de arquitetura.

Percebemos, a partir das discussões, o quanto a ideia de pensar a cidade como uma herança deixada pelos que vieram antes de nós muda a perspectiva hierárquica em relação a quem conta a história oficial, a quem pertence a cidade, o que é pensar a memória urbana se invertermos a ideia de quem é o autor das construções que conhecemos. Com esse projeto, chamamos os herdeiros da cidade, aqueles cujas histórias estão entrelaçadas à construção física e simbólica dos espaços urbanos. Nosso objetivo é dar visibilidade a essas memórias, honrar quem veio antes de nós e construir caminhos para que essas narrativas sejam contadas, disputadas e, acima de tudo, reivindicadas. Acreditamos, acima de tudo, no poder que as histórias têm de transformar o futuro das cidades e das pessoas que as habitam.

PROLONGAR A EXISTÊNCIA

Pedro Alban

A verdade da vida contemporânea é, cada vez mais, o desconhecimento total: usamos o mundo sem saber seus processos e procedências. Uma torradeira comum, por exemplo, contém mais de 400 peças e 100 materiais diferentes – que, para serem extraídos e processados por um único indivíduo, demandariam muitas viagens internacionais. O artista britânico Thomas Thwaites realiza essa empreitada na obra *The Toaster Project*. O resultado, um desastre total, nos revela a complexidade da extração e do trabalho, escondidos do consumidor na produção da maioria dos objetos cotidianos.

A cidade também pode ser entendida como um deslocamento material. Grande parte das discussões de sustentabilidade consideram a emissão de carbono após a construção do edifício (no gasto, por exemplo, com ar-condicionado e luz), mas, para edifícios construídos nos últimos anos, pelo menos 50% do carbono emitido ainda é responsabilidade dos materiais usados na obra.

É preciso olhar para a emissão dos materiais: saber de onde eles vêm, a energia gasta com seu transporte e o quanto eles duram antes do descarte. A Arquivo, projeto do qual faço parte, se especializou na reutilização de elementos de arquitetura. Desmontamos edifícios ou estruturas obsoletas da cidade e repassamos suas partes para outros arquitetos e obras, auxiliando-os no processo de reinserção.

A reutilização de materiais foi uma prática comum ao longo da história. Enquanto a diversidade de materiais era reduzida e o transporte era, em grande parte, feito por tração animal, desmontar e reinserir o que estava perto valia a pena. Essa não é a realidade atual: pressão imobiliária, normativas e obsolescência programada, entre outras alterações técnico-culturais, levaram a demolição mecanizada a reinar perante opções inevitavelmente mais artesanais.

Aos poucos, e movidos pela urgência climática, buscamos mudar essa realidade. Atualmente, o projeto do Casarão 28, em Salvador (BA), da arquiteta Naia Alban, com consultoria nossa, apresenta uma possibilidade de futuro – a reforma, feita a partir dos restos de mais de 30 demolições da cidade, de uma ruína tombada. Ele mostra que a reutilização de materiais é possível, mas exige uma flexibilidade não ensinada nas faculdades. Reutilizar não se trata apenas de sustentabilidade, mas também de memórias perpetuadas: a de quem viveu em determinado local; a dos ofícios relacionados à construção; e, às vezes, a do próprio material e de seus ciclos de extração. Os objetos têm sua própria agência, é preciso dançar com eles.



Foto Photo: Paula Mussi



Foto Photo: Paula Giordano

RESPEITAR O MISTÉRIO

Levy Cardoso

Tudo o que construí na minha história como artesão foi a partir da atividade cerâmica. Meu pai e minha mãe se conheceram no distrito de Icoaraci, em Belém (PA), onde a cerâmica era o bem mais importante para a sobrevivência das famílias. Naquele tempo, a produção não era voltada para o comércio, mas para o uso cotidiano.

No fim da década de 1950, meu pai encontrou alguns livros em uma lixeira, e um deles, escrito em inglês e sobre arqueologia, o fascinou profundamente. Embora não compreendesse o idioma, duas únicas palavras foram reconhecidas por ele: “Brasil” e “Amazônia”. O livro continha imagens de cerâmicas que ele nunca havia visto antes, e, ao perceber que essas peças eram provenientes de seu território, foi impulsionado a aprender com seus familiares como elas haviam sido desenvolvidas.

Aos poucos, ele foi entrando em contato com mestres e mestras indígenas e quilombolas, que lhe ensinaram os vários mistérios do manejo do barro – e, com esses conhecimentos

ancestrais, ele foi capaz de fazer reproduções das cerâmicas que havia visto no livro. Tempos depois, descobriu que boa parte das peças que ele fazia estavam no acervo do Museu Paraense Emílio Goeldi, que o convidou a reproduzir as peças dentro da instituição. Ele passou a entender que a cerâmica era o objeto mais importante de estudo da arqueologia, pois qualquer informação sobre civilizações que não existem mais poderia ser encontrada nos objetos cerâmicos.

Herdei do meu pai o conhecimento e o respeito à cerâmica, assim como a valorização da cultura em diálogo com a ciência. Assim como ele colaborou com o Museu Paraense Emílio Goeldi no registro das técnicas da cerâmica, eu trabalhei com o padre Giovanni Gallo, criador do Museu do Marajó, que me fez ver como a produção cerâmica é vital. Além disso, construímos uma escola e uma feira em Paracuri, um bairro de Belém, onde os alunos aprendem cerâmica na prática.

Ainda enfrentamos muitos desafios e, apesar de eu achar que meu trabalho não tinha relação com a arqueologia, descobri que tudo que faço é reflexo dessa vivência rica em história e cultura. A partir da cerâmica, podemos entender como os povos antigos lidaram com as mudanças ambientais e fizeram adaptações no território para que pudessem viver nele, o que pode nos ensinar a lidar com as questões do nosso tempo presente. Preservar esse conhecimento é também possibilitar que nos apropriemos dessa cultura ancestral, a fim de darmos continuidade a essa história que também é nossa.

Pedro Alban é arquiteto e artista visual cujo trabalho envolve a construção e seus processos práticos ou afetivos. Fez parte do coletivo Mouraria 53 e é sócio da Arquivo.

Levy Cardoso é ceramista paraense da terceira geração de transmissão de conhecimento, está à frente do desenvolvimento de processos experimentais e tecnológicos com o material.

ATENTAR-SE AOS CAMINHOS

Emanuel Franco

Iniciei minha trajetória no curso de arquitetura, onde o desenho e a plástica logo me fascinaram. Ia animado para as aulas, para aprender a desenhar, mas no fundo também sabia que queria ser ator de teatro. Desde pequeno, vestia as roupas da minha família e chamava os amigos da vizinhança para montar pequenas peças. Ao longo do tempo, participei de várias montagens teatrais, e nelas fazíamos de tudo – desde atuar até construir

Emanuel Franco é artista visual e curador com participação em exposições, salões de arte e outras manifestações culturais. Atualmente é diretor do Museu de Arte Sacra/SIM/SECULT/ Governo do Estado do Pará.

Cristine Takuá é filósofa, educadora, aprendiz de parteira, diretora do Instituto Maracá e coordenadora da ação colaborativa Escolas Vivas, em parceria com o Selvagem, ciclo de estudos sobre a vida.

cenários. O teatro sempre caminhou ao meu lado, junto com as artes visuais e a curadoria, mas todos os caminhos nesses saberes foram traçados pelas estradas e pelos rios. Sempre gostei de buscar por artistas de beira de rio e por artistas de beira de estrada, descobrindo novos valores. Acredito que o artista tem que ser intérprete, também, da própria realidade, ou seja, os detalhes do cotidiano que muitas pessoas não percebem, mas que podem ser uma fonte inesgotável de criatividade.

Em minha primeira exposição como artista visual, explorei os espaços ocultos das cabaças e cuias que eu encontrava nas trilhas. Depois, segui no meio artístico por outros caminhos, usando recortes surrados das lonas que cobrem os caminhões – marcas das estradas que transformo em obras nas séries *Animais na pista* e *Trajetos da poeira*. Nas minhas viagens, adquiero as lonas que os caminhoneiros não usam mais, lavo e, em seguida, costuro para formar imagens como igrejinhas de beira de estrada, personagens conhecidos ou os animais que percorrem o leito

das rodovias. Essas lonas, remendadas pelos loneiros, carregam as nuances da vida nas estradas, assim como os objetos que recolho ou compro nos estabelecimentos estradeiros, como restaurantes, armazéns e borracharias.

Como arquiteto e artista, aprendi que deveria desenhar “bem”, mas, diante da vida nas estradas, tentei fugir disso, como se desenhasse com a mão esquerda. Isso inspirou a produção de carimbos em EVA, que viraram pinturas de animais, um desdobramento da série *Animais na pista*. Esses animais, para mim, registram uma duplicidade: a preocupação com a permanência e com a existência da vida do animal naquele espaço de intensa circulação de carros e carretas, e a triste realidade dos que morreram e ainda morrem ali, planejados no asfalto. A dureza do leito do asfalto precisa ser registrada, inclusive porque contrasta com a realidade empática do leito dos rios, onde, de forma bem diferente, a vida se faz muito mais presente.



Foto Photo: **Paula Giordano**

ACORDAR AS MEMÓRIAS

Cristine Takuá

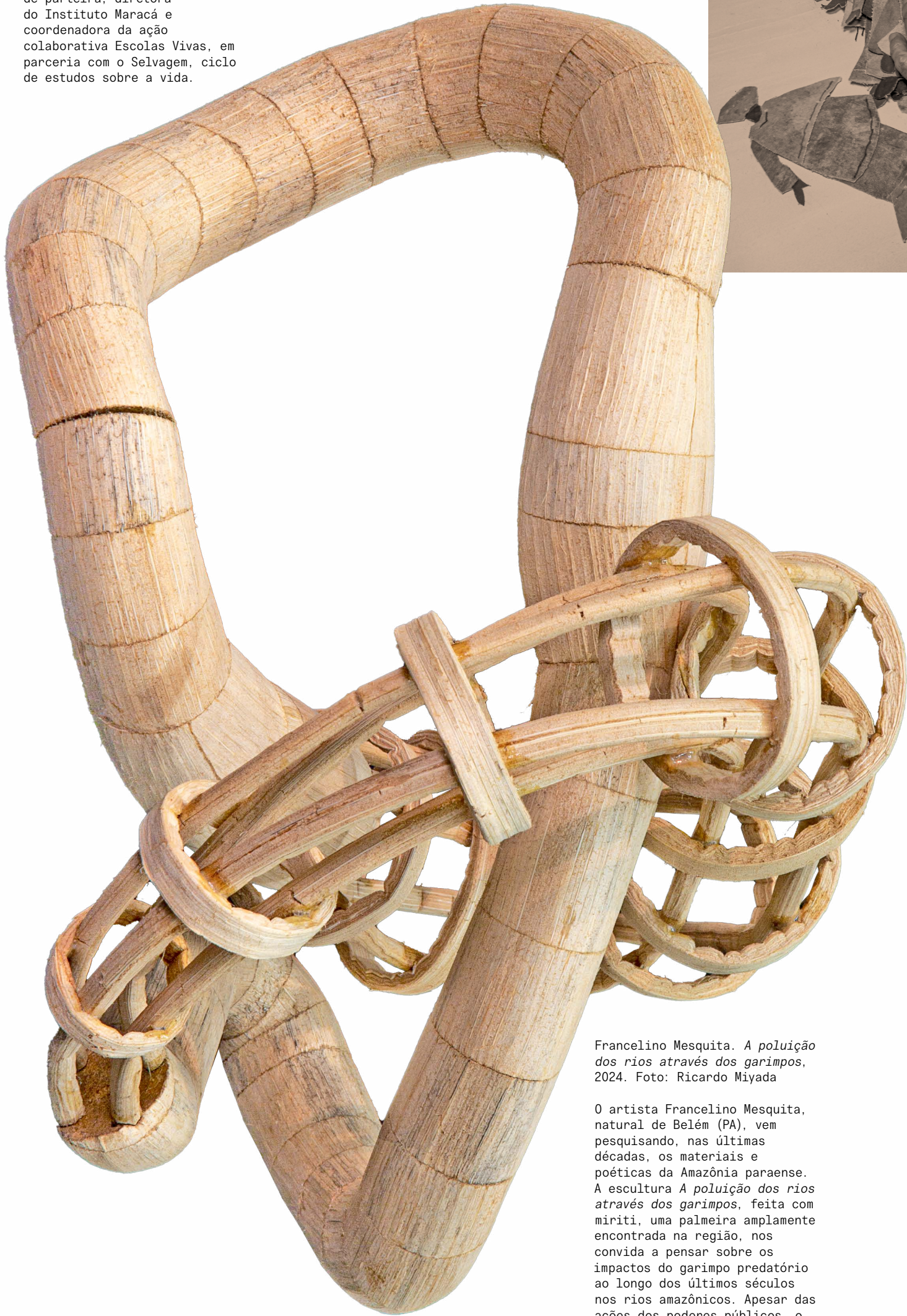
Sou educadora indígena e, desde muito tempo, venho refletindo sobre as pegadas pesadas que nós, humanos, deixamos na Terra. Tenho conversado muito com as crianças, por meio da arte, sobre como podemos caminhar mais devagar, criando encontros onde possamos, juntos, pensar sobre os rios, as águas e os saberes que giram em torno do que somos, de onde viemos e para onde estamos indo.

Eu venho de um território de Mata Atlântica, que teve uma grande parte destruída em nome de um processo colonial que transforma tudo em mercadoria. Diante dessas questões, tivemos que aprender a nos adaptar e a nos reconectar: pensar sobre onde estamos exige concentração e um desfazimento da colonialidade que o sistema educacional ocidental colocou em nós.

O que as escolas estão ensinando às nossas crianças? Será que ensinam que o rio é um espírito e que as águas têm um guardião? Nós acreditamos que todos os elementos possuem um guardião e que todos os seres — sejam vegetais, animais ou minerais — têm a mesma importância que nós, humanos. No entanto, a nossa humanidade, tão arrogante, acabou nos colocando acima dos outros. Mas este mundo não nos pertence, somos apenas uma parte dele. Ostentamos séculos de uma razão muito bem estruturada, refletida em inúmeros livros escritos. Porém, que razão é essa que não reconhece que o rio também tem espírito? Precisamos rever nossas certezas, para não continuarmos a insistir em salvar essa humanidade que, claramente, falhou em sua missão.

Dentre as muitas questões que permeiam o meu ser, venho conduzindo uma ação colaborativa chamada Escolas Vivas, um movimento de apoio ao fortalecimento e à transmissão de saberes tradicionais indígenas. O processo histórico colonial foi violento, mas acredito em uma força maior que nos coloca na disposição de acordar e recriar novos modos de resistir. Nossas memórias não desapareceram, elas estão quietas, dormindo. O sistema de ensino dos brancos, muitas vezes, é um projeto de dominação de mentes que cria a ideia de que precisamos “ser alguém” na vida. No entanto, o que precisamos mesmo é deixar de olhar apenas para nosso próprio umbigo e nos permitir escutar o que nos dizem os espíritos, os trovões, as formigas, o sol e tantos outros seres – porque tudo fala conosco.

A escola essencial é aquela que nos faz perceber nosso pequeno papel nesta grande teia chamada vida, trazendo conhecimentos que realmente importam diante da emergência climática: aprender a nascer e a morrer, entender os códigos da floresta, conhecer os cantos, saber plantar e colher e, enfim, compreender o tecer e o colorir a vida.



Francelino Mesquita. *A poluição dos rios através dos garimpos*, 2024. Foto: Ricardo Miyada

O artista Francelino Mesquita, natural de Belém (PA), vem pesquisando, nas últimas décadas, os materiais e poéticas da Amazônia paraense. A escultura *A poluição dos rios através dos garimpos*, feita com miriti, uma palmeira amplamente encontrada na região, nos convida a pensar sobre os impactos do garimpo predatório ao longo dos últimos séculos nos rios amazônicos. Apesar das ações dos poderes públicos, o garimpo é recorrente, afetando as paisagens e as vidas aquáticas, além de provocar e intensificar crises hídricas e climáticas.

ENGLISH VERSION

Reflecting on environmental issues offers an urgent opportunity to rethink our ways of life, memories and the way we perceive the world. It is about confronting the complexity of human relations with what surrounds us, opening space for new ways of interacting with diversity and with what is essential to our existence.

With climate change rapidly intensifying, Instituto Tomie Ohtake positions itself as a space for transformation and mobilization, responding to this global crisis. By integrating environmental issues into its exhibitions, seminars and public programs, the institution has actively collaborated in building a narrative that explores the social, political and economic roots of climate justice, creating a platform for inclusive dialogue and the amplification of different voices.

By connecting different disciplines, the Instituto Tomie Ohtake's programming fosters dialogues capable of transforming mindsets, highlighting the role of culture as an essential element in raising awareness and promoting social change. This engagement drives collective and individual actions, encouraging creative solutions to environmental challenges and helping to transform our relation with the planet.

In dialogue with the 30th United Nations Conference on Climate Change (COP 30), taking place in Belém (PA) in November 2025, Instituto Tomie Ohtake will launch the project *A river does not exist alone*, featuring exhibits and public programs from 2024 to 2026. The project reaffirms the institution's commitment to connecting culture and environment, converging art, architecture, design and traditional knowledge to mobilize critical reflections on how to live in the context of a climate emergency.

This project was made possible by the Ministry of Culture, and is sponsored by Itaú and AkzoNobel through the Federal Cultural Incentive Law, with institutional support from the Museu Paraense Emílio Goeldi.

Instituto Tomie Ohtake

REPLENISHING IMAGINARIES
Sabrina Fontenele and Vânia Leal
Curators

A river is more than just running water invading lands; it is a vein that pulses and traces borderless pathways around the world. These

water flows play a fundamental role in the global ecosystem, guaranteeing the survival of fauna and flora, in addition to ensuring the livelihood of entire communities. Their spirits are present in the culture and identity of people who inhabit their banks, ensuring the persistence of traditional practices and knowledge.

The largest Brazilian rivers are experiencing historic droughts and have suffered from the unbridled exploitation of their natural resources. The increasingly frequent environmental disasters affect not only the communities living near the waters, but also expose the emerging socio-cultural crisis. Confronting this crisis goes beyond the implementation of effective public policies and the development of advanced technologies; it also requires awakening a new consciousness to think and act collectively.

The project *A river does not exist alone* accompanies the river flow that moves between Belém and São Paulo, and back from São Paulo to Belém, involving contexts that point to existences and resistances in times of climate emergency, and promoting awareness of being in the world and with the world. From this perspective, sustainable architecture and design projects commune with master cultural makers, materializing an art committed to resistance and existence of strategic factors to reflect on nature in its entirety and symbolic visibility, with a political and collective nuance that brings together our Brazils. The project thus proposes an invitation to engage with techniques, day-to-day gestures and memories to create a platform for the confluence of experiences, perspectives and initiatives that enable us, through collective mobilization, to confront scenarios of such incisive and violent destruction.

During three days in August 2024, the first phase of the project, presented as **Diálogos São Paulo**, promoted debates involving architects, researchers, artists, activists, educators and masters from various states in Brazil: Pará, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro and São Paulo. During this period, the contours of a new paradigm were outlined regarding discussions about the environmental crisis, which is no longer an exclusive concern of environmental researchers and activists, but permeates our collective life. This publication presents the participants in the debate panels and the intertwining of their stories, as a way of affirming their

identities and territories. Based on these narratives, we invite those who read this to follow the project's future navigations.

A river does not exist alone proposes to see the environment as a source of wisdom for the people who adapt to it, coexisting without destroying it. It also explores scholarship and alternatives that identify pathways to change our tone of voice and attitudes, in response to the here and now posed by the transformations brought about by climate collapses. Or, as Indian writer Amitav Ghosh states in his book *The Great Derangement: Climate Change and the Unthinkable*, "to imagine other forms of human existence is exactly the challenge that is posed by the climate crisis: for if there is one thing that global warming has made perfectly clear it is that to think about the world only as it is amounts to a formula for collective suicide. We need, rather, to envision what it might be."

RESTORING LIFE
Carlos Nobre

The Amazon is gigantic and full of life, with more than 3,000 species of fish, 16,000 types of trees, and an absurd biodiversity – 13% of all known species of plants and animals in the world can be found there. In a single hectare, there are over 300 species of trees, more than in the whole of Europe. Moreover, it is not just about flora and fauna; the Amazon is home to immense cultural wealth: indigenous, riverine, and quilombola peoples, along with other local communities have maintained the forest's balance for ages.

Over millions of years, the forest has evolved to create the conditions for its own survival, expanding biodiversity, making water and nutrient recycling processes more efficient, in addition to configuring an environment with high humidity capable of preventing fires. The Amazon holds over 300 billion trees, and a tree that is 20 meters tall can release more than 1 ton of water into the atmosphere per day. This vapor turns into rain within the forest, and also contributes to the flow of atmospheric rivers that reach other regions of the country, such as the Cerrado, as well the South and Southeast.

However, deforestation, forest degradation, fires and livestock farming have left a trail of destruction, and the risk facing the Amazon is more serious than it seems: we are getting closer and closer to a tipping point. This means that, if we do not act quickly, the forest could degrade in a way that will never return to what it was. In 1975, only 0.5% of the Amazon had been deforested, and now, in 2024, we have already lost about 18% of the forest – almost 1 million square kilometers have been deforested, and another 1 million square kilometers are in a state of degradation. The Amazon is the second biome that burns the most in Brazil, surpassed only by the Cerrado. In the past, forest fires were rare and mostly caused

by electrostatic discharge, but today they are more frequent and primarily caused by human action. The edges of pasturelands are undergoing enormous degradation, making these regions much more vulnerable to fires.

The problem is also the climate effect. The forest recycles water and stores carbon, helping to regulate the climate. Without it, droughts increase and the heat becomes unbearable, as we have seen in the record droughts of 2023 and 2024 – and in other major droughts that have become increasingly frequent, such as those that occurred in 2005, 2010, and 2015-2016. If we continue like this, the Amazon could become an open-canopy and highly degraded "savannah" in a few decades.

Given the proximity of this tipping point, it is necessary to think of nature-based solutions that could interrupt this cycle, along with restoration of the forest using native species and creation of a new socio-bioeconomy. The vision of a sustainable Amazon, with standing forests and flowing rivers, is possible by combining science with indigenous, riverine and quilombola knowledge. If action is taken now, we have a chance to preserve the Amazon and ensure a sustainable future, not only for those who live there, but for all of us.

** One of the most renowned climatologists in the country, collaborating researcher at Institute of Advanced Studies at Universidade de São Paulo, and co-chair of the Science Panel for the Amazon.*

ANCESTRAL THINKING
Jean da Silva

I grew up in the Jurunas neighborhood in the city of Belém (PA), and I have closely followed the struggles and transformations of our community. The neighborhood received a recent migration of a generation before mine, and they had to fight for basic infrastructure, such as paving the streets. Our generation, in turn, inherited these structural achievements, allowing us to focus on the issue of culture, since in the region – as in all the peripheries of the city – there were no museums or cultural facilities to represent our history.

From this need, Gueto Hub has emerged as a collective space that houses a community library, a local history museum and an art gallery. The space occupies an old neighborhood house that, until the end of the 1990s, had been the headquarters of the residents' association, being abandoned since then. One of Gueto Hub's first initiatives was the creation of Museu D'água, with the aim of telling the younger generations the story of a river branch that runs in front of the house. This canal, as it is today, was once a creek (*igarapé*) where our grandparents washed clothes and bathed, and, like many other creeks, it underwent a process of canalization, ceasing to be a local collective asset to become a

drainage and sewage resource for the entire city.

The initiative caught the attention of municipal institutions that were already working on issues related to climate emergency, and they showed us that by talking about memory and culture in the outskirts, we were also discussing issues such as environmental racism and climate justice. This encouraged us to create COP das Baixadas, a coalition of 16 organizations in Belém that have come together to discuss climate challenges in the outskirts, since we understood that the official COP did not originally represent us.

When reflecting on our role in relation to climate, I like to remember the provocation made by thinker Ailton Krenak, when saying that our world needs to cease existing so that others, different from the capitalist one, can be built. Today, the most advanced climate agendas are those that generate profit: instead of trying to save rivers and forests, we are trying to save companies, hegemonies and the wealthiest social classes. This is not the kind of structure I want to be part of.

The solutions to this crisis do not lie in futuristic actions, but in the memory of the people who have always had a confluence of relations with the environment. While capitalism has appropriated climate issues in the name of "thinking global, acting local", for us, from the peripheries, what matters most is *ancestral thinking, acting as community*.

** Activist, engineer, cartographer and cultural producer who founded Gueto Hub, in Belém (PA), and helped create COP das Baixadas to debate climate justice in the outskirts.*

BUILDING FUTURES
Leticia Prata Grappi

In the João Amazonas settlement, in the municipality of Ilhéus (BA), we have been creating an educational and socio-environmental center. The community has already fought over many struggles, from living under tarps to occupying old cocoa farms in the region. One of these struggles was related to access to education, since the nearest school was 10 kilometers away, and there is no public transportation in the community. That is how it all started: people mobilized and requested that a public school teacher come to work in the settlement and, after this achievement, the idea of creating a school gained momentum.

The school, which is now open to the entire community, was built using traditional construction systems – such as adobe and lime plaster – in addition to reusing elements from other construction sites and local materials, such as grass from pastures, earth removed to build the cistern, manure from neighboring farms and paints made from earth. The use of non-industrialized materials and local techniques is the main challenge of bioconstruction, as industrialized materials are much easier to obtain. Still, we have managed to mobilize the entire community, overcoming challenges such as the production of 12 thousand adobe bricks.

Logistics of biotechnologies are always a challenge, since they require a different timing and greater coordination, including convincing people that the techniques are reliable. Although these techniques and materials are ancestral in Brazil, many of our communities have lost touch with them and, consequently, their confidence in their effectiveness. However, a Life Cycle Assessment – a review of the impact level caused by a construction – confirmed what we had already imagined: the project had a 68% reduction in greenhouse gas emissions, from the acquisition of materials to the useful life of the functioning school.

For me, a construction project is like a river with several branches and affluents, because every participation, no matter how small, represents a great contribution to this collective flow. And just as challenging as coordinating collective participation during the construction work is keeping people engaged with what has been built. Today, our goal is to support the community created around the school, filling the spaces with more activities, especially those focused on environmental education. The process continues, with all the challenges that a settlement has to deal with. Nevertheless, we move forward together, learning to build futures.

** Architect, works with projects and construction with low*

environmental impact. Co-founder of mapadaterra.org and creator of the group Mulheres na Bioconstrução.

ARTICULATING COMMUNITIES
Ester Carro

When I was a child, I used to live in a very precarious house near a stream in Jardim Colombo, a neighborhood that belongs to the Paraisópolis favela in the city of São Paulo (SP). Whenever it rained, the stream would overflow, flooding my house and those of my neighbors. I remember spending many afternoons removing the floodwater from my house as a form of play. That reality has shaped my perception of the power of the environment – destructive but also regenerative.

Today, I am an architect and I work in my community, seeking to make architecture a more accessible profession, connected to social and environmental issues. I like to use the word "community" because I belong to this collective space, where people support each other. Communities are potencies, as they are formed by a plurality of people who are very resilient and creative in dealing with difficulties – which are plenty.

The story of Fazendinhando, a project I am part of, began on "fazendinha", a piece of land that functioned as a landfill. In Jardim Colombo, like many favelas in Brazil, there are no public spaces, schools or leisure areas, only landfills, sites of environmental degradation, diseases and illegal activities.

At the end of 2017, we began a community-led mobilization work, organizing clean-ups involving both children and adults, to give new purpose to discarded materials. Today, the landfill has become a leisure space, where we promote environmental education within the community. We have developed vegetable gardens, created toys and organized events, always through a participatory process. In this mission to reclaim spaces, stories, memories and care, we engage the community and listen to every voice, showing that each person is a guardian of our shared spaces.

Recently, we have also worked on renovating the homes of Jardim Colombo's residents, which have become symbols of a new economy based on material reuse and the skill development of the community. With around 300 interventions carried out to date, we have learned that impact starts with small gestures, and that the community itself is the agent of change. We exist because of the bridges and connections, and Jardim Colombo is living proof of the transformative potency of the peripheries.

There is no environmental education without people's active involvement in the transformation, and this change must begin within our own neighborhoods. I love architecture, but what moves me is the impact that our work – done by many hands – has on people's lives.

** Architect and activist, president of Instituto Fazendinhando, which works in favelas in the city of São Paulo, as well as doctoral student and professor at Universidade Presbiteriana Mackenzie.*

RE-ENCHANTING THE CONCRETE
Dyó aka Rastros de Diógenes

I am the founder and coordinator of Terreiro Afetivo, an experimental pedagogical proposal committed to the itinerant and long-term healing of the earth, based in São Gonçalo, in the metropolitan region of Rio de Janeiro (RJ). It is an interdisciplinary proposal that combines knowledge and wisdom of the earth and brings together various "grounds" and "hands", believing that the terreiro is a place of transformation.

There, we exchange knowledge, produce collective experiences, reflect on our place in the world and think of art as a field of imaginative and radical strategies that are in confluence with life and the metabolism of the earth. We cultivate a hybrid memory – human, vegetal, mineral, climatic – that is composed of everything that forms a landscape. After all, in each community, every house has its terreiro, and each plant that grows there tells a story about us.

At Terreiro Afetivo, we cultivate connections with the earth and city, immersing ourselves in landscapes and artistic practices that combine astronomy, geography, and ecology, always from



Foto Photo: Ricardo Miyada

a decolonial perspective. With these relations in mind, terreiro institutes practices such as the countercolonial herbarium, which seeks to rescue the original names of our native botanical species; the pedagogies of plant beds, which investigate the knowledge and memories contained in plant beds and plantations; and the seed bombs and muvucas. We gather during waning moons and, on go on affective walks to collect what is growing and what is dying, we then come together to make muvuca with the seeds that each person has brought, talking about their stories and origins – a process that generates our radical seedbeds.

The seedbeds are small-scale actions, with the potential of impacting collectivity, and combining techniques of the seed bomb, muvucas, and milpa (a method of intercropping). Most of the seeds are edible and come from native trees of the biome where the terreiro operates from – mostly from the Atlantic Forest – reaffirming the importance of reforesting and recovering our connection with the land. After preparing the seedbeds, we let them rest so that the rain and wind can do their work, spreading the soil and awakening the seeds, each one in its own time. This is mainly an attempt to elaborate connections with the earth. And, in the absence of earth areas, we re-enchant the concrete.

** Visual artist, environmental educator and researcher. Founder of Terreiro Afetivo, a laboratory for decolonial arts and ecologies based in Rio de Janeiro.*

BUILDING HERITAGE
Gabriela Leandro

I grew up listening to my grandfathers' stories, one was a marble worker, and the other a quarry worker – professionals who shaped cities; one extracting rocks from quarries to produce retaining walls, cobblestones and side-walks; the other working directly with marble. These family stories took on a new dimension for me in architecture school, when I began to reflect on the construction of cities.

The city I know was raised by the hands of workers like my grandfathers, who were directly involved in civil construction, but are often invisible in collective memory. For me, it became important to think about this ordinary construction of the city, understanding how the constructive memories of day-to-day spaces, often absent from our memories, also form an important heritage, beyond the spaces classified as monuments by institutions.

Motivated by this concern, my sister and I decided to look at the ancestry present in the materiality of our cities, which gave rise to the project *O fabuloso inventário da história material da cidade*, presented at the 13th Bienal de Arquitetura de São Paulo in 2022. In this process, I have revisited places from my

childhood, reopened family albums, and invited relatives and friends to expand the conversation. The project ended up taking the form of an installation and a workshop, opening up a dialogue about the construction of cities based on the stories of these anonymous hands, gathered in my grandfather's photo collection.

During conversations with the family community, we have discovered that some of the city's monuments were built with my grandfather's help, and I was surprised to learn that the city I already knew – or thought I knew – had within it this commitment of workers who have disappeared from architecture bibliographies.

We have realized, from the discussions, how much the idea of thinking the city as a heritage left by those who came before us changes the hierarchical perspective in relation to who tells the official story, who owns the city, what it means to think about urban memory if we invert the idea of who the author of the buildings we know is. With this project, we call on the heirs of the city, those whose stories are intertwined with the physical and symbolic construction of urban spaces. Our goal is to give visibility to these memories, honor those who came before us, and build paths so that these narratives can be told, disputed, and, above all, claimed. We believe, above all, in the power that stories have to transform the future of cities and the people who inhabit them.

** Architect, urban planner, and professor at School of Architecture in Universidade Federal da Bahia. Seeks to approximate the field of history of architecture and cities to black and feminist studies.*

PROLONGING EXISTENCE
Pedro Alban

The truth of contemporary life is that, increasingly, we experience total ignorance: we use the world without knowing its processes and provenances. A common toaster, for example, contains more than 400 parts and 100 different materials – which, if extracted and processed by a single individual, would require many international trips. British artist Thomas Thwaites has undertaken this endeavor in the work *The Toaster Project*. The result, a total disaster, reveals the complexity of extraction and labor involved in the production of most day-to-day objects, hidden from the consumer.

The city could also be understood as a form of material displacement. Much of the discussion on sustainability only considers carbon emissions generated after the construction of a building – such as the costs of air conditioning and electricity. However, for buildings constructed in recent years, at least 50% of carbon emissions are still attributed to the materials used in construction.

We need to look at the emissions of materials: knowing where they come from, the energy used in their transportation, and how long they last before being discarded. Arquivo, a project I am part of, has specialized in reusing architectural elements. We dismantle obsolete buildings or structures in the city, and pass their materials on to other architects and projects, helping them in the process of reinsertion.

Reusing materials has been a common practice throughout history. While the diversity of materials was limited, and transportation was largely done by animal traction, dismantling and reinserting what was nearby was worthwhile. This is not our current reality: real estate pressure, regulations and planned obsolescence, among other technical and cultural changes, have led to mechanized demolition reigning over inevitably more artisanal options.

Little by little, and driven by climate urgency, we have sought to change this reality. Currently, Casarão 28 project, by architect Naia Alban and us as consultants, presents a possibility for the future – the renovation of a listed ruin in the city of Salvador made from the remains of more than 30 demolitions in the city. It shows that reusing materials is possible, but requires a flexibility that is not taught in university. Reusing is not just about sustainability, but also about perpetuating memories: those of people who lived in a certain place; of the crafts related to construction; and, sometimes, of the material itself and its extraction cycles. Objects have their own agency; we need to dance with them.

** Architect and visual artist whose work involves construction and its practical or affective processes. Was part of Mouraria 53 collective, and is a partner at Arquivo.*

RESPECTING THE MYSTERY
Levy Cardoso

Everything I have built in my history as an artisan began through my practice with ceramics. My father and mother met in the district of Icoaraci, in the city of Belém (PA), where ceramics was the most important asset for the survival of families. At that time, production was not driven by commerce, but by everyday use.

In the late 1950s, my father found some books in a trash can and one of them, an English book on archaeology, fascinated him deeply. Although he did not understand the language, he recognized two single words: "Brazil" and "Amazonia". The book contained images of ceramics that he had never seen before, and when he realized that these pieces came from his territory, he was driven to learn from his family how they had been developed.

Little by little, he came into contact with indigenous and quilombola masters, who taught

him the many mysteries of handling clay – and, with this ancestral knowledge, he was able to make reproductions of the ceramics he had seen in the book. Some time later, he discovered that many of the original pieces he had made replicas of were part of the collection at the Museu Paraense Emílio Goeldi, which then invited him to reproduce the pieces within the institution. He came to understand that ceramics were the most important objects of study in archaeology, since any information about civilizations that no longer exist could be found in ceramic objects.

I inherited from my father his knowledge and respect for ceramics, as well as the appreciation for the value of culture in dialogue with science. Just as he collaborated with the Museu Paraense Emílio Goeldi to document ceramic techniques, I have worked with Father Giovanni Gallo, founder of the Museu do Marajó, who made me see how vital ceramic production is. In addition, we have built a school and a market in Paracuri, a neighborhood in Belém, where students learn about ceramics through practice.

We still face many challenges and, although I once thought my work had no connection with archaeology, I have come to realize that everything I do reflects this rich experience in history and culture. Through ceramics, we can understand how ancient peoples dealt with environmental changes and adapted to the territory so they could live there, which can teach us how to deal with the issues of our present time. Preserving this knowledge also allows us to appropriate this ancestral culture, in order to continue a history that is also ours.

** Pará ceramist from the third-generation of knowledge transmission ceramist is at the forefront of developing experimental and technological processes with the material.*

ATTEMPTING PATHWAYS
Emanuel Franco

I started my trajectory in architecture school, where drawing and composition immediately fascinated me. I was excited to go to class and learn how to draw, but deep inside I also knew that I wanted to be a theater actor. Since I was little, I used to dress up in my family's clothes and invite my neighborhood friends to put on little plays. Over time, I have participated in several theater productions, and we did everything in them – from acting to assembling sets. Theater has always walked by my side, along with visual arts and curation. However, all the pathways from each of those forms of knowledge were traced along roads and rivers. I always liked to search for riverside artists and roadside artists, discovering new values. I believe that artists must also be interpreters of reality itself, that

is, the details of day-to-day life that many people do not realize, but which can be an inexhaustible source of creativity.

My first exhibition as a visual artist explored the hollow spaces of calabashes and gourds that I found on trails. Later, I pursued other artistic pathways, using worn-out cutouts of tarps that cover trucks – road markings that I have transformed into works in the series *Animais na pista* and *Trajetos da poeira*. On my travels, I have acquired tarps that truck drivers no longer use, washed them, and then sewed them together to create images such as little roadside churches, well-known characters, or animals that roam the highway bed. These tarps, patched together by *tarpers*, carry the nuances of life on the road, as do the objects that I collect or buy in roadside establishments, such as restaurants, warehouses, and tire shops.

As an architect and artist, I learned that I should draw "well," but when faced with life on the road, I tried and fled this, as if I was drawing with my left hand. This has inspired the production of EVA foam stamps, which became paintings of animals, an offshoot of the series *Animais na pista*. These animals, for me, record a duplicity: the concern for permanence and existence of animal's life in that space of intense circulation of cars and trucks, and the sad reality of those who died and continue to die there, flattened on asphalt. The hardness of the asphalt bed needs to be recorded, especially because it contrasts with the empathetic reality of the riverbed, where, in a very different way, life is much more present.

** Visual artist and curator who has participated in exhibitions, art shows and other cultural events. Currently director of Museu de Arte Sacra/SIM/SECULT/ Governo do Estado do Pará.*

AWAKENING MEMORIES
Cristine Takuá

I am an indigenous educator and, for a long time, I have been reflecting on the heavy footprints that we, humans, leave on Earth. I have talked a lot with children through art, about how we could walk more slowly, creating encounters to think about rivers, waters and the knowledge that revolves around who we are, where we came from and where we are going.

I come from a territory in the Atlantic Forest that had a large part of its land destroyed in the name of a colonial process transforming everything into merchandise. Faced with these issues, we had to learn to adapt and reconnect: thinking about where we are, requires concentration and an undoing of coloniality that the Western educational system has placed in us.

What are schools teaching our children? Do they teach that a river is a spirit and that the waters have a guardian? We believe

that all elements have a guardian and that all beings – whether plants, animals or minerals – are as important as humans. However, our arrogant humanity has ended up placing us above others. Nevertheless, this world does not belong to us; we are just a part of it. We have boasted centuries of very well-structured reasoning, reflected in countless written books. Yet, what kind of reasoning does not recognize that a river also has a spirit? We need to review our certainties so that we do not continue to insist on saving this humanity that has clearly failed its mission.

Among the many issues that permeate my being, I have been leading a collaborative action called Escolas Vivas, a movement to support the strengthening and transmission of traditional indigenous knowledge. The historical colonial process was violent, but I believe in a greater force granting us disposition to awaken and recreate new ways of resisting. Our memories have not disappeared, but they are quiet, sleeping. White people's education system is often a project of mind domination that creates the idea that we need to "be someone" in life. Even so, what we really need is to stop looking only at ourselves, and being able to listen to what spirits, thunder, ants, the sun and so many other beings are telling us – because everything speaks to us.

The essential school is one that makes us realize our small role in this greater web called life, bringing knowledge that really matters in the face of climate emergency: learning to be born and die, understanding the codes of the forest, knowing songs, how to plant and harvest and, finally, comprehending the weaving and coloring of life.

** Philosopher, educator, apprentice midwife, director of Instituto Maracá and coordinator of the collaborative action Escolas Vivas in partnership with Selvagem, cycle of studies on life.*

Artist Francelino Mesquita, originally from Belém (PA), has been researching the materials and poetics of the Amazon region of Pará for the past few decades. His sculpture *A poluição dos rios através dos garimpos*, made of *miriti* (*Mauritia flexuosa*), a palm tree widely found in the region, invites us to think about the impacts of predatory mining on Amazon rivers over the past centuries. Despite the efforts of government agencies, mining continues to occur, affecting landscapes and aquatic life, in addition to causing and intensifying water and climate crises.

INSTITUTO TOMIE OHTAKE:
ABRIR CAMINHOS NA ARTE E NA VIDA
Somos um instituto cultural dedicado às artes visuais e seus cruzamentos com a educação, a arquitetura e o design, sempre aberto ao diálogo com outras linguagens e temas contemporâneos. Nossa história começa na cidade de São Paulo (SP), em 2001, ano de nossa fundação. A partir desse marco, espalhamos nossa presença em todo o território nacional com projetos de educação, premiações e programas formativos, difundindo conhecimento e criando conexões para trabalhar em parceria com instituições nacionais e internacionais.

Nos mobilizamos e nos relacionamos com questões contemporâneas e com vozes diversas e representativas e, através de nossa vocação formativa, geramos oportunidades para educadores e estudantes, dando uma dimensão coletiva ao gesto de Tomie Ohtake de abrir territórios para si e para o outro por meio da arte.

INSTITUTO TOMIE OHTAKE:
OPENING PATHS IN ART AND LIFE
We are a cultural institute dedicated to the visual arts and their intersections with education, architecture and design, always open to dialogue with other contemporary themes and languages.

Our story began in the city of São Paulo (SP) in 2001, the year we were founded. From this milestone, we spread our presence throughout the country with educational projects, awards and training programmes, disseminating knowledge and creating connections to work in partnership with Brazilian and international institutions.

We engage and relate to contemporary issues and diverse and representative voices and, through our vocation for training, we generate opportunities for educators and students, adding a collective dimension to Tomie Ohtake's gesture of pioneering territories for herself and others through art.

PROJETO PROJECT
UM RIO NÃO EXISTE SOZINHO
A RIVER DOES NOT EXIST ALONE

Curadoria Curators
Sabrina Fontenele e and **Vânia Leal**

DIÁLOGOS SÃO PAULO

Participantes Participants
Carlos Nobre, Cristine Takuá, Dyó aka Rastros de Diógenes, Emanuel Franco, Ester Carro, Gabriela Leandro, Gabriela Moulin, Jean da Silva, Leticia Prata Grappi, Levy Cardoso, Lillian Kelian, Paulo Miyada, Pedro Alban, Sabrina Fontenele e and **Vânia Leal**

Design Gráfico Graphic Design
Instituto Tomie Ohtake | Vitor Cesar, Felipe Carnevalli e and **Paula Lobato**

Projeto de Arquitetura
Architectural Design
Instituto Tomie Ohtake | Ligia Zilbersztejn

Impressão Print
Insign

Produção Production
Instituto Tomie Ohtake | Carolina Pasinato, Nicole Plascak, André Luiz Bella, Pedro Lemme, Rodolfo Borbel Pitarello e and **Victor Constantino**

Equipamentos Audiovisuais e Iluminação Audiovisual Equipment and Lighting
GM Produções Técnicas

Comunicação Communications
Instituto Tomie Ohtake | Amanda Sammour, Amanda Dias de Almeida, Martim Pelisson, Ricardo Miyada e and **Sarah Lídice Alfenas Moreira**

Tradução em Libras
Sign Language Interpretation
Ponte Acessibilidade

Manutenção Técnica Maintenance
Instituto Tomie Ohtake | Adilson Oliveira, Jacildo Antonio de Paula Jefferson de Almeida Souza e and **Luís Carlos Ferreira**

Agradecimentos Acknowledgements
Ana Roman, Catalina Bergues, Elaine Arruda, Julia Cavazzini, Luiz Fernandes e and **Francelino Mesquita**

JORNAL JOURNAL

Projeto Gráfico Graphic Design
Instituto Tomie Ohtake | Vitor Cesar, Felipe Carnevalli e and **Paula Lobato**

Textos Texts
Ana Roman, Carlos Nobre, Cristine Takuá, Dyó aka Rastros de Diógenes, Emanuel Franco, Ester Carro, Gabriela Leandro, Jean da Silva, Leticia Prata Grappi, Levy Cardoso, Pedro Alban, Sabrina Fontenele e and **Vânia Leal**

Preparação de textos Editors
Instituto Tomie Ohtake | Divina Prado e and **Felipe Carnevalli**

Relatoria Rapporteur
Karina de Souza

Revisão Proofreading
Carmem Saito, Irene Sinnecker e and **Instituto Tomie Ohtake | Divina Prado**

Tradução Translation
Irene Sinnecker

Impressão Print
Ipsis

ISBN
978-65-89342-46-5

Patrocínio

Apoio Institucional

Apoio de mídia

Realização

